



O sequestro na linha 2520D: a análise da cobertura do Jornal Nacional

ARTHUR FREIRE SIMÕES PIRES¹; ESTEVAN FREITAS GARCIA²; FÁBIO SOUZA DA CRUZ³

¹UFPel – grohsarthur@gmail.com

²UFPEL – estevanfreitasg@gmail.com

³UFPel – fabiosouzadacruz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O trabalho trata da análise da cobertura telejornalística do Jornal Nacional (JN) do caso do sequestro do ônibus da linha 2520D. O transporte fazia o trajeto em direção ao Rio de Janeiro e foi sequestrado. O sequestro teve inicio as 5h30 da terça-feira, 20 de agosto, e tendo fim pouco depois das 9h. A matéria jornalística.

Em estudo anterior (Cruz, 2006), constatamos que, geralmente, as produções bibliográficas sobre telejornalismo no Brasil apresentam duas linhas de estudos: uma mais ligada a “aspectos técnicos e/ou normativos da prática jornalística” e outra que “ora alia técnica e história, (...) ora denota um viés mais crítico” (2006, p.23). Nesta segunda perspectiva de investigação, um dos destaques é a adoção, no início, do modelo norte-americano de fazer telejornalismo, mais objetivo e que leva menos em conta a análise e o comentário opinativo. Outro ponto bastante abordado, é a postura da Rede Globo de Televisão durante os 21 anos de regime militar no Brasil (1964 – 1985).

Considerado o principal telejornal brasileiro, o JN conecta, há 50 anos, milhões de telespectadores nas noites de segunda a sábado. Consagrado como um dos principais agentes de mediação entre poder e sociedade civil, o JN legitima e fortalece, em suas edições, determinados discursos e posturas identitárias, sugerindo modos de pensar e agir. Considerando isso, o noticiário opta, muitas vezes, por trabalhar com um mix de elementos oficiais e outras possibilidades. Neste sentido, o *fait divers*¹ é uma delas.

Muitas vezes atuando em sintonia com as forças hegemônicas da sociedade, percebemos que a ideologia² transmitida pelo telejornal “é [geralmente] a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior; são as posições que vêm raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subservientes”. Assim sendo, o JN legitima a divisão/dualização entre “dominantes/dominados e superiores/inferiores, produzindo hierarquias e classificações que servem aos interesses das forças e das elites do poder” (Kellner, 2001, p.83).

Reproduzindo os embates entre setores hegemônicos e contra-hegemônicos da sociedade, o JN atua como uma espécie de palco democrático, que veicula diferentes discursos e posturas. Entretanto, a velha prática prevalece: enquanto alguns setores são blindados, outros são bombardeados de forma explícita ou implícita. Dependendo do que está em jogo no picadeiro midiático, os discursos do supracitado noticiário podem vir a legitimar, inclusive, ações mais

¹ Esta categoria barthesiana (1971) será trabalhada no referencial teórico deste artigo.

² Inerente a essa discussão, Thompson (1995) faz menção ao conceito de ideologia, articulando-o às formas como o sentido (significado) serve para estabelecer e sustentar relações (assimétricas) de poder em contextos específicos.



duras por parte de alguns aparelhos de Estado³ como, por exemplo, a polícia e a justiça. Tal prática é fortalecida por movimentos que fomentam o medo pelo espetáculo e que omitem e/ou manipulam informações através de noções simplificadoras e/ou descontextualizadas sobre determinados cenários.

Justamente por estes fatores, iremos analisar toda narrativa a partir das perspectivas de Kellner (2001), dissecando toda a produção para encontrar personagens, sentidos e efeitos partindo de suas categorias analíticas⁴, e Barthes (1964) visando estudar a reportagem pelas categorias do semiólogo francês⁵. De forma que encontraremos as ferramentas utilizadas dentro da matéria telejornalística.

2. METODOLOGIA

Realizamos a decupagem do material em vídeo e analisamos a tele reportagem em três etapas. A primeira delas, voltada aos preceitos de Kellner (2001) a partir de suas categorias; em seguida, munimo-nos do teorético de Barthes (1964). Por fim, com este estudo, compusemos a argumentação apanhando os pontos que tocam a proposta e os analisamos até chegar às conclusões.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como principais resultados, notamos um exagero do uso dos *fait divers* e um forte e recorrente uso de estereótipos, sobrepondo informações importantes de uma situação de grande repercussão. Ou seja, os artifícios categorizados pelo semiólogo francês acabam se manifestando na condução discursiva das matérias. Mais do que isso, junto à teoria do filósofo estadunidense Kellner, notamos omissão por parte do veículo e de seus profissionais algumas problematizações que seriam cruciais para a determinada produção.

4. CONCLUSÕES

A inovação trazida pelo trabalho passa por uma ampliação do olhar para o tema “suicídio”, que é tratado como tabu. Mais do que isso, contribui para uma reflexão social acerca do tema, uma vez que foram trazidos dados sobre o assunto em escala global partindo de publicações de grandes veículos jornalísticos.

³ Em alusão à obra clássica de Louis Althusser, “Aparelhos ideológicos de estado”.

⁴ Entre eles estão: Campo Discursivo, Horizonte Social e, enfim, Ação Figural.

⁵ Dentro delas existem os dois tipos de *fait divers* (cada tipo com dois subtipos; causa: esperada e perturbada & coincidência: antítese e repetição), além do estereótipo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. A estrutura dos fait divers – íntegra. Disponível em <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-fait-divers.pdf>>. Acesso em: 11 de jun. 2017.

BARTHES, Roland. Essais critiques. Paris: Seuil, 1964, disponível em <<https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/barthes-a-estrutura-dos-fait-divers.pdf>>.

CRUZ, Fábio. CURI, Guilherme Oliveira. Communication Breakdown: A cobertura do show de Robert Plant no festival Lollapalooza à luz do fait divers. Revista FAMECOS, PUCRS. Porto Alegre (RS), 2015.

RAMOS, Roberto. Roland Barthes: semiologia, mídia e fait divers. Revista FAMECOS, PUCRS, nº 14, 2001. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3108/2383>>. Acesso em 18 jun. 2017.

SOUZA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In SOUZA, Mauro Wilton de (org.). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. Mídia e Democracia. 5.ed. Porto Alegre: P.G / O.B, 2005

KELLNER, Douglas. A cultura da mídia. São Paulo: EDUSC, 2001.